Macroeconomia

A grande recessão: sem fim à vista

Rogério Mori*

ESTÁ CLARO que a desaceleração do ritmo da atividade econômica das economias desenvolvidas há já alguns anos está começando a se refletir sobre os países emergentes.

Desde fins de 2008, a economia dos EUA, até então o principal motor da expansão econômica por boa parte da década passada, entrou em estado de estagnação. As ações do Banco Central dos EUA, o Fed, apenas evitaram a derrocada do sistema financeiro americano e mundial. A economia americana, porém, não tem reagido às baixas taxas de juros, dado o elevado endividamento das famílias. Uma recessão mais profunda só foi evitada em face da política fiscal expansionista.

A situação também não inspira maior otimismo no caso da economia europeia. Diversos países do bloco prosseguem com elevado grau de endividamento público e com altas taxas de desemprego, sem sinais de retomada do crescimento econômico. Com isso, a economia europeia segue em ritmo lento. Essas duas regiões (EUA e Europa) totalizam cerca de metade do PIB do planeta, e sua estagnação se reflete duramente sobre as demais economias.

Ante esse quadro, a perspectiva de algum alento sobre a economia global recaiu sobre os emergentes. Nesse contexto, alguns desses países demostraram algum vigor mesmo com a desaceleração das economias dos países desenvolvidos. O maior destaque nessa dinâmica foi a China, com a manutenção de altos padrões de crescimento econômico ao longo dos últimos trimestres.

No entanto, a observação ao longo do primeiro semestre deste ano é de que mesmo essas economias parecem estar entrando em uma trajetória de desaceleração do crescimento. No caso da China, temos assistido a sucessivas revisões para baixo das projeções de crescimento econômico. Está claro nesse processo que a economia da China também começou a desacelerar.

Algo parecido está acontecendo na economia do Brasil, cujas projeções de crescimento para este ano, que chegaram a superar 3%, agora estão se situando ao redor dos 2%, com indicadores e projeções que ainda apontam para números menores que esse. Particularmente no caso do Brasil, o governo parece tentar recorrentemente reeditar a fórmula de sucesso que tirou a economia nacional da recessão nos primeiros meses de 2009, com uma combinação de estímulos à tomada de crédito e reduções de impostos em segmentos considerados chave para a atividade econômica. O ambiente atual, porém, é substancialmente diferente do registrado naquele período. Grande parte das famílias brasileiras está bem mais endividada nesse momento e com grande parcela de sua renda comprometida, sem grandes espaços para expandir ainda mais o consumo.

Existem sinais de desaceleração econômica em outros emergentes nesse momento também. A esperança de que esses países representariam um sinal de reversão do quadro de estagnação econômica global se esvai ao longo deste ano. Em outras palavras, ainda não existem sinais concretos de que a "Grande Recessão" esteja se encerrando.

Claramente, os governos das principais economias do mundo se veem em uma situação complexa no momento. Os instrumentos de política econômica utilizados se mostraram relativamente efetivos para evitar uma depressão econômica pronunciada. No entanto, a economia global passa por uma fase de ajuste, que deve perdurar mais alguns anos.

Nesse processo, o espaço para novos estímulos do lado dos governos está mais limitado que há alguns anos, e isso começa a se refletir no cenário global. Em outras palavras, é bem possível que um cenário de menor crescimento e maior desemprego para 2012 seja uma realidade concreta. Nesse sentido, é significativamente difícil prever o cenário para o ano que vem. ■

*Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas